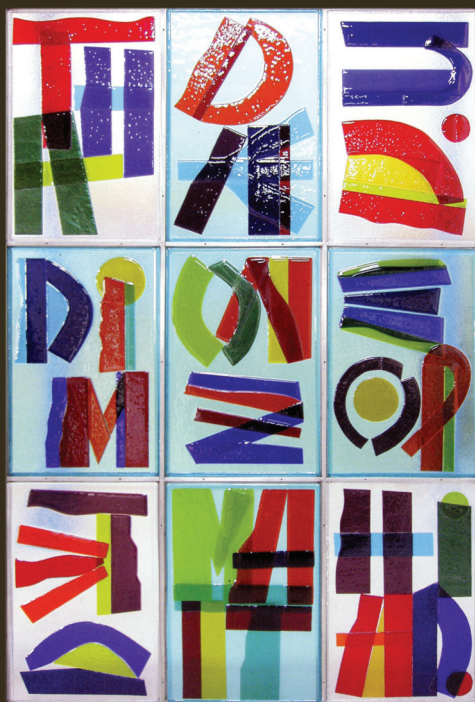


ESTUDOS DE LINGUÍSTICA

VOLUME II

CONCEIÇÃO CARAPINHA
ISABEL A. SANTOS

COORD.



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

**DADOS E QUADROS TEÓRICO-METODOLÓGICOS:
ALGUMAS REFLEXÕES**

Ana Cristina Macário Lopes

Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA)

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

acmacariol@gmail.com

Gostava de começar por vos dizer que a minha forma de estar na investigação linguística é marcada pela abertura e pela flexibilidade. Numa época de grande efervescência teórica no âmbito da Linguística, como a que temos vivido nas últimas décadas, com os paradigmas formal e funcionalista a caminharem em linhas paralelas, aparentemente sem espaços de interseção ou diálogo, ambos ciosos das suas distintas fundamentações epistemológicas, uma atitude de abertura e flexibilidade significa a disponibilidade de integrar, sem dogmatismos, contributos oriundos de distintos quadros teórico-metodológicos, desde que relevantes para a descrição e explicação dos dados empíricos objecto de análise.

Situo-me assim, inequivocamente, entre os que pensam o pluralismo teórico-metodológico como uma prática positiva e considero que conceções e abordagens estanques e hiperespecializadas são redutoramente parcelares e perdem muitas vezes de vista a efetiva complexidade do objecto linguagem humana. E desde já acrescento que pluralismo teórico-metodológico não equivale de todo a ecletismo, porque os próprios dados limitam a diversidade das abordagens e estabelecem entre elas hierarquias.

Situo-me ainda entre os que defendem uma investigação baseada em dados empíricos reais, que correspondem de facto ao funcionamento

vivo da língua e nos confrontam com usos que os exemplos fabricados muitas vezes deixam na sombra.

Por fim, creio, como Van Valin, citado por Faria (2012: 27), que “o debate entre teorias é importante e que a sua ausência afecta quer a área quer os que nela trabalham”.

Olhando retrospectivamente e com a distância possível para os meus trabalhos de pesquisa sobre a língua portuguesa, verifico que fui cimentando ao longo do tempo algumas convicções, algumas assunções basilares que tenho vindo a consolidar no contacto direto com os dados empíricos, e que de algum modo ancoram e norteiam toda a minha investigação.

A primeira assunção é a de que o sistema linguístico é basicamente estruturado pelo uso e funciona de forma dinâmica e maleável, adaptando-se permanentemente às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes.

A segunda assunção é a de que há diversos níveis ou domínios pelos quais se distribui a significação linguística, que resultam, em última análise, das diferentes funções que a linguagem verbal pode desempenhar ao ser discursivamente usada.¹ Neste sentido, assumo que a linguagem verbal não é apenas um sistema simbólico de representação do mundo externo; ela é também o suporte dos nossos pensamentos e raciocínios, uma forma de comportamento e um instrumento de ação e interação social. Consequentemente, a significação discursivamente expressa envolve distintos domínios: o domínio do conteúdo, ou da representação do mundo socio-físico, tradicionalmente privilegiado pela semântica, o domínio epistémico, que consubstancia a representação dos pensamentos e raciocínios do falante, e o domínio ilocutório, que plasma as dimensões accionais e interativas da comunicação verbal.² E subscrevo ainda a afirmação de Fonseca segundo a qual “as dimensões pragmáticas da significação se inscrevem de raiz (...) na própria estrutura interna da língua”. Ou, noutras palavras, “a língua apresenta-se como sistema de

¹ Como afirma Levinson, “meaning (...) is quite clearly not a unitary field but rather one involving cognitive principles, knowledge factors, and interactional principles.” (2000: 21).

² Cf. Sweetser, 1990.

virtualidades que integra em si mesmo o processo que é o seu próprio funcionamento discursivo” (1994: 100-101).

A terceira assunção é a de que há uma forte interface entre sintaxe, semântica e pragmática, o que pressupõe uma articulação descritiva controlada entre aspetos formais e significação expressa ou implicitamente comunicada.

Finalmente, a quarta assunção prende-se com a articulação entre funcionamento sincrónico e evolução da língua. Assim, assumo que a mudança semântica resulta em larga medida do uso da língua e é regida por motivações pragmáticas (eficiência comunicativa) e cognitivas (conceptualização de domínios mais abstractos através de operações de extensão de significados mais concretos, ligados à experienciação mais básica e directa do mundo).³

As assunções que acabei de mencionar não são dependentes ou tributárias de um só modelo teórico, antes incorporam e caldeiam contributos de quadros teóricos diversos. Mas importa reconhecer, com honestidade intelectual, que convergem dominantemente com um paradigma cognitivo-funcional de abordagem da linguagem humana.

Concluídas estas notas preambulares, proponho-me agora partilhar convosco uma das linhas de investigação que tenho percorrido nos últimos anos.

Quando decidi estudar de forma sistemática os marcadores discursivos⁴ do Português europeu contemporâneo (doravante PEC), uma área escassamente contemplada nas gramáticas do Português disponíveis, mas substancialmente descrita em gramáticas de referência de outras línguas (veja-se, por exemplo, Bosque / Demonte, 1999), deparei-me com a seguinte situação: expressões como *agora*, *então*, *depois*, *assim*, *já*, *logo*,

³ Cf. Traugott / Dasher, 2002.

⁴ Utilizo a expressão ‘marcador discursivo’ como um hiperónimo, que subsume, como hipónimos, quer os conectores discursivos (de base adverbial e preposicional que interligam enunciados, dando origem a produtos textuais não frásicos), quer as expressões que ativam pressuposições relacionadas com o universo de expectativas do falante ou que marcam a atitude do falante, quer ainda os marcadores interativos que regulam a dinâmica conversacional e a gestão harmoniosa das relações interpessoais.

enfim, sempre, bem, de facto, de qualquer modo, de outro modo, entre outras, são todas elas polifuncionais no PEC. Com efeito, em sincronia, tais expressões operam em diferentes domínios da significação discursiva, consoante a posição que ocupam no enunciado (e a função sintáctica que nele desempenham), e suscitam, conseqüentemente, instrumentos teórico-metodológicos de análise distintos. Sucintamente, direi que, em determinados contextos, as expressões em apreço contribuem para o conteúdo proposicional do enunciado em que ocorrem, funcionando tipicamente como modificadores de predicado, desempenhando, noutros contextos, funções de natureza discursivo-pragmática, nomeadamente funções de conexão discursiva/textual.

A constatação de que noutras línguas se verifica exactamente o mesmo fenómeno de polifuncionalidade associado ao mesmo tipo de expressões de base adverbial e preposicional, bem como a leitura de trabalhos de investigação recentes sobre processos de gramaticalização que sublinham trajetórias regulares de mudança semântica, abriu-me um campo de reflexão e pesquisa completamente novo, que à partida o projecto centrado na decrição do valor semântico-pragmático dos marcadores não previa. Devo confessar que a descoberta foi fascinante: afinal, era possível perspectivar a polifuncionalidade, em sincronia, como um caso de polissemia, e detectar fenómenos de gramaticalização no comportamento versátil dos itens e construções lexicais que me propunha estudar.

A análise de dados empíricos sincronicamente polifuncionais, como os que atrás mencionei, coloca uma questão teórica incontornável, para a qual existem diferentes respostas possíveis na comunidade linguística: trata-se de um caso de homonímia, de monossema contextualmente modelável ou de polissemia?⁵

A abordagem homonímica, maximalista, postula a existência de diferentes unidades lexicais formalmente idênticas. Dado o seu nulo poder explicativo, foi à partida descartada.

A abordagem monossémica, minimalista ou unitária, defende a existência de um significado único, comum aos diferentes usos, hipótese que

⁵ Sobre esta questão, cf., entre outros, Hansen, 1998; Travis, 2005; Fisher, 2006.

implica, por um lado, uma formulação algo abstracta desse denominador comum, e, por outro, a consideração casuística de diferentes contextos de ocorrência, responsáveis pelas diferentes modulações de significado atestadas. Esta teoria, embora aliciante na medida em que procura aplicar o princípio da navalha de Ockham e evitar, conseqüentemente, uma proliferação desnecessária de sentidos, esbarra, no entanto, com várias dificuldades. Por um lado, a definição de um significado básico invariante (um ‘core meaning’), conduz a definições de tal modo abstractas que dificilmente se revalam operatórias na descrição dos diferentes valores atestados em sincronia.⁶

Por outro lado, a abordagem monossémica não permite uma articulação entre funcionamento sincrónico da língua e mudança semântica. Finalmente, não dá conta dos padrões recorrentes de relações entre significados que uma análise em termos de polissemia permite captar.

A abordagem polissémica, por seu turno, pressupõe a existência de um significado básico, a partir do qual se desenvolvem, por extensão cognitiva ou pragmaticamente motivada, outros significados, numa dinâmica de criatividade linguística que explica a permanente reconfiguração das línguas naturais. Esta abordagem tem o mérito de mostrar que funcionamento sincrónico da língua e mudança semântica são aspectos estreitamente relacionados e põe em relevo o peso de factores de natureza pragmática e cognitiva na mudança semântica.⁷ Como afirma Silva (1999: 65): “A polissemia é (...) o reflexo sincrónico da mudança semântica, e, por outro lado, a mudança linguística é o reflexo diacrónico da flexibilidade da linguagem.” Foi, pois, a abordagem polissémica que privilegiei nos meus trabalhos, pelas razões invocadas.

⁶ Veja-se, a título de exemplo, a definição monossémica de *enfin*: “Le locuteur, en accompagnant [l'énoncé] X par *enfin*, donne à son énonciation de X la fonction de mettre fin à un discours Z précédent” (Cadiot *et al.*, 1985: 199). Não vislumbro a natureza operatória deste tipo de definição face aos diferentes usos de *enfin* no PEC (Lopes, 2008), a saber: fecho de sequência temporalmente ordenada de situações, fecho de listagem, marcador de síntese conclusiva, sinalização do universo de expectativas do falante, que avalia como tardia, embora positiva, a ocorrência de uma determinada situação, mero marcador de hesitação no processamento online do discurso.

⁷ Cf. Traugott / König, 1991; Traugott / Dasher 2002.

Vejamos então alguns dados:

- (1) “Antes davam e aquilo era distribuído aos pobres (...). *Agora* já não fazem isso.”
- (2) No ano 2000, haverá moeda única na Europa. Terei, *então*, 40 anos.
- (3) Quando me deitei, adormeci *logo*.
- (4) O João veio *sempre* às aulas durante o mês de outubro.
- (5) A Ana *ainda* vive em Coimbra.
- (6) “Vou *já*. Vai indo adiante que eu vou *já*.”
- (7) “(...) cada um dos negociadores rebeldes disse depois, na respectiva língua indígena, (...) ser “tanto um cidadão de Chiapas como do México”, cabendo *enfim* a Marcos afirmar (...) que nenhum rebelde está arrependido de ter pegado em armas no 1º dia do ano.”
- (8) “Enfim, a minha situação é absolutamente desesperada, mas não me mato. Quando estiver bem certo de que não encontrarei solução, embarco para Lisboa e vou morrer lá, de miséria, de fome, *de qualquer modo*.”
- (9) “É uma resposta de bom-senso, não temos “know how”, nem capacidade económica para fazer *de outro modo*.”
- (10) “Há cães que não têm medo [de lobos], *agora* há outros que têm.”
- (11) Esta inferência pode ser cancelada sem contradição. *Então*, é uma implicatura.
- (12) “Penso, *logo* existo.”
- (13) *Sempre* vieste!
- (14) “Tenho a minha família, tenho mulher e filhos (...) e *ainda* tenho que pagar para trabalhar.
- (15) “Para o STE, “trata-se (...) de uma nova Lei dos Disponíveis só que mais permissiva. *Já* a Frente comum dos Sindicatos da Administração Pública reagiu de forma diferente.”
- (16) “Passou a falar a mesma linguagem e a ter os mesmos hábitos, *enfim*, adaptou-se.”
- (17) “(...) eu privilegiaria a forma confederal, por ser muito maior a autonomia de cada Estado-Nação, sem pôr em causa certos objetivos comuns, como a moeda única, a economia integrada, uma

política externa, de defesa e de segurança, comum. *De qualquer modo*, a União Europeia é uma grande ideia, que terá de ser aprofundada à medida que se vai construindo e que terá de enfrentar corajosamente contradições e dificuldades imensas.”

- (18) Tem que haver moderação salarial e regimes laborais flexíveis (...). *De outro modo*, em vez de abaixamento salarial, em 1995 não têm emprego.”

De (1) a (9), as expressões em itálico funcionam sintaticamente como adjuntos a SV, modificadores de predicado; semanticamente expressam valores temporais (de localização (1), (2), (3) (6) e (7), e de frequência (4)), valores temporo-aspectuais (5), ou circunstâncias de modo (8) e (9), e contribuem para o conteúdo proposicional dos enunciados que os acolhem.

Mas os mesmos itens, em contextos sintáticos distintos (cf. exemplos (10) a (20)), passam a funcionar como marcadores/conectores discursivos, quer sinalizando distintas conexões (semântico-pragmáticas) entre os segmentos textuais que articulam, expressando, por conseguinte, um significado de índole procedimental, ou seja, dando instruções ao ouvinte sobre o nexos que deve ser computado por forma a interligar coerentemente os dois enunciados (cf. (10), (11), (12), (14), (15), (16), (17), (18))⁸, quer inscrevendo no discurso o universo de expectativas do falante (em (13), *sempre* marca a confirmação de uma expectativa do falante).⁹ Deixam, pois, de ter qualquer incidência ao nível do conteúdo proposicional expresso e, do ponto de vista sintático, passam a funcionar como elementos exteriores à predicação, sofrendo tipicamente um processo de reanálise ou recategorização sintática (advérbios > conectores).

A polissemia funcional sincrónica parece-me ilustrar um processo de gramaticalização. Não cabe aqui discutir a complexa questão da grama-

⁸ Para uma análise mais aprofundada dos valores conetivos de *agora*, *então*, *logo*, *ainda*, *já*, *enfim*, *de qualquer modo* e *de outro modo*, veja-se Lopes, 1998 b, 1996, 1999, 2000, 2003, 2008, 2012.

⁹ Para uma análise mais aprofundada dos valores de *sempre*, cf. Lopes, 1998 a.

ticalização, cuja definição está longe de ser consensual¹⁰. Direi apenas que utilizo o termo tal como tem vindo a ser utilizado por Traugott na sua investigação sobre o desenvolvimento histórico de marcadores discursivos. Nesta acepção, fala-se de gramaticalização quando se verifica um processo unidireccional pelo qual determinados itens (ou construções) lexicais, que operam num primeiro momento ao nível proposicional ou do conteúdo, passam a assumir outras funções, de carácter discursivo-pragmático, como, por exemplo, marcação de conexões entre segmentos textuais, expressão de atitudes e expectativas do falante, organização da interacção em termos de turnos de fala, gestão cortês das relações intrapessoais, sinalização de continuação ou mudança de tópico discursivo.¹¹

Os dados do Português que analisei parecem indiciar tendências regulares de mudança semântica, interlinguisticamente atestadas, que apontam justamente para a emergência de novos significados de natureza pragmático-discursiva a partir de itens ou construções cujo significado básico se satura a nível proposicional. Naturalmente, a descrição sincrónica necessita de estudos complementares de natureza diacrónica para que possa ser plenamente validada a hipótese defendida por Traugott / König, 1991 e Traugott / Dasher, 2002 sobre a unidireccionalidade da mudança semântica e, nomeadamente, para que possam ser identificados os contextos de transição, em que muito provavelmente se sobrepõem as duas leituras atestadas em sincronia.

Mas a mera descrição sincrónica é já teoricamente desafiante, pois permite interligar diferentes significados e funções, numa rede flexível e dinâmica que evidencia a motivação (cognitiva ou pragmática)

¹⁰ Dado não ser relevante para os meus dados, deixo de lado a concepção eventualmente mais disseminada de gramaticalização, associada a Givón, 1979 (com a sua famosa hipótese unidireccional da mudança linguística, consubstanciada na trajectória discurso> sintaxe>morfologia>morfofonémica>zero) e a Lehmann, 1982.

¹¹ Como afirma Traugott (2003: 626), “Grammar (...) is rich enough to license interaction with the general cognitive abilities such as are involved in the speaker-addressee negotiation that gives rise to grammaticalization. These include information processing, discourse management, and other abilities central to the linguistic pragmatics of focusing, topicalization, (...) and discourse coherence”.

subjacente às diferentes extensões de um significado básico, iluminando, concomitantemente, o fenômeno da recategorização ou reanálise sintática.

Centremo-nos agora numa análise um pouco mais fina de dois casos de polifuncionalidade, para tornar mais explícito o que acabou de ser afirmado sobre a possibilidade de tratar, de forma integrada, distintos valores associados a um mesmo item, ou seja, sobre a possibilidade de interligar esses diferentes valores. Note-se que vamos apenas focalizar dois tipos de valores atestados: aquele que consideramos ser o valor básico (e que aparece sempre referido em primeiro lugar nos dicionários) e um valor derivado de marcação de conexão discursiva. Para uma análise mais fina e aprofundada do leque de valores pragmáticos de cada um dos itens, e respetivas imbricações de significado, remeto-vos para os estudos monográficos mencionados na bibliografia.

Enquanto advérbio deíctico de localização temporal, *agora*, tipicamente em coocorrência com o Presente do Indicativo, localiza a situação descrita no enunciado em que ocorre num intervalo de tempo que se sobrepõe ao intervalo de tempo da enunciação, podendo a amplitude desse intervalo ser variável (daí a possibilidade da comutação de *agora* por *neste preciso momento* ou por *atualmente*). Em qualquer dos casos, *agora* implica sempre um contraste (temporal) entre o intervalo identificado e intervalos dele disjuntos. Sem esta implicação de contraste, o uso de *agora*, em co-ocorrência com o presente do Indicativo, seria redundante, dado o valor prototípico de localização temporal do Presente do Indicativo. O valor contrastivo mencionado pode ser analisado como uma implicatura conversacional generalizada¹² associada ao uso do advérbio modificador de predicado *agora* em enunciados em que coocorre com o Presente do Indicativo. E é precisamente essa implicatura que parece ter-se convencionalizado nos usos de *agora* como conector contrastivo.

¹² Sobre a noção de implicatura conversacional generalizada, calculada em função de heurísticas de natureza pragmática, cf. Levinson, 2000.

Verifica-se, pois, uma reanálise ou mudança categorial (advérbio > conector) e uma concomitante alteração semântica¹³ (valor referencial de localização temporal > valor instrucional ou procedimental de marcação de contraste). E é possível interligar os dois valores mencionados, que aliás coexistem em sincronia: o valor periférico de contraste (temporal) implicitado pelo advérbio *agora* torna-se o único valor codificado pelo conector formalmente idêntico. E esta derivação surgiu certamente em contextos onde deixou de ser comunicativamente saliente o valor de localização temporal, passando a ser saliente a instrução de contraste entre duas situações.

Faço aqui um parêntese para voltar ao que afirmei no início sobre o pluralismo teórico-metodológico suscitado pelos próprios dados empíricos. A descrição do valor de localização temporal do advérbio *agora* convoca necessariamente teorias semânticas temporais, em que as noções de ponto de referência (ou ponto de perspectiva temporal) e de relação de ordem são decisivas para circunscrever com rigor o intervalo de tempo identificado pelo advérbio.¹⁴ Mas para descrever e explicar o valor periférico de contraste sistematicamente activado pelo advérbio nas construções referidas, é forçoso recorrer a um enquadramento teórico de natureza substancialmente distinta, já que se trata de um valor implicitado, que só os princípios reguladores da interação verbal, as heurísticas pragmáticas que tiveram a sua primeira formulação na reflexão pioneira de Grice, 1975, permitem circunscrever. As abordagens não se excluem: são complementares, facultando uma análise mais completa e satisfatória do efectivo funcionamento do item em apreço.

Fechado o parêntese, o que me interessa aqui pôr em relevo é o facto de ser possível explicar a emergência do valor de marcação de uma relação discursiva de contraste, com correlato ‘apagamento’ do valor primitivo de natureza referencial (localização no tempo): o novo

¹³ Alguns autores falam de dessemantização ou “semantic bleaching” para dar conta da perda de valores referenciais e aquisição de novos valores de natureza pragmático-discursiva, nomeadamente valores de conexão. Cf., entre outros, Heine / Kuteva, 2006.

¹⁴ No meu caso, trabalhei com a semântica temporal de Kamp / Ryle, 1993.

valor pode ser perspectivado como o resultado da convencionalização de uma inferência de natureza pragmática. A mudança semântica não é, pois, aleatória: é possível encontrar imbricações, zonas de sobreposição entre os diferentes valores do item que exhibe, em sincronia, uma polissemia funcional.

Vejam agora o caso de *então*. Enquanto advérbio de localização temporal (cf. exemplo 2), *então* opera no domínio do conteúdo, funcionando como modificador de predicado: retoma anaforicamente um antecedente temporal fixado no discurso anterior e funciona como ponto de referência para a localização da situação descrita na frase em que ocorre; ou seja, define o quadro temporal no qual deverá ser interpretada a proposição em que ocorre. Enquanto conector (cf. exemplo 11), *então* sinaliza que o enunciado anterior funciona como um antecedente que, no domínio da organização lógica do raciocínio, autoriza a conclusão que a seguir se enuncia; ou seja, *então* define o quadro epistémico no qual deverá ser interpretado o enunciado que prefacia. Parece, pois, verificar-se, uma projecção metafórica da localização no tempo para uma ‘localização’ mais abstracta, que envolve o domínio do ‘espaço mental’ do falante, e é a natureza intrinsecamente anafórica de *então* que legitima essa projecção.

Vejam por fim o caso de *enfim*: enquanto advérbio de localização temporal, *enfim* denota que a situação descrita na predicação em que ocorre é a última de uma série de situações temporalmente ordenadas, fechando assim uma sequência; nestes contextos, *enfim* comuta com *por fim*. Enquanto conector discursivo, *enfim* articula uma última predicação com predicções anteriores, sinalizando que se trata de um movimento discursivo de fecho, com um valor de síntese final. Daí a sua possível comutação com os marcadores *resumindo e concluindo* ou *em suma*, que também sinalizam uma reformulação condensada de informação previamente expressa. Entre o advérbio e o conector, verifica-se um espaço de sobreposição ou imbricação: ambos partilham o valor [+ fecho], mas o conector assume o valor [+síntese], ausente no

advérbio.¹⁵ Trata-se, a meu ver, de um exemplo claro de agrupamento de significados sob a forma de parencças de família, do tipo AB, BC: ou seja, a extensão do significado envolve similaridades parciais, com partilha de, pelo menos, uma propriedade comum.

Não tive, repito, a pretensão de ilustrar aqui todos os valores atestados em sincronia dos itens *agora*, *então* e *enfim*. Pretendi apenas despertar a vossa curiosidade para a plasticidade da língua, e mostrar-vos como de facto a multifacetada natureza dos dados convoca, para a sua descrição e explicação, instrumentos de quadros teóricos diversos e uma interface permanente entre sintaxe, semântica e pragmática.

Termino fazendo minha a formulação lapidar de Levinson / Evans (2010: 2746), segundo a qual “language bridges the mental and the social, the psychological and the historical, the ideational and the behavioural.” É intrínseca a complexidade do objecto linguagem humana, e tal complexidade requer necessariamente abordagens teórico-metodológicas plurais e complementares, bem como uma interface entre descrição sincrónica e história da língua.¹⁶

Referências bibliográficas

- Bosque, I. Demonte, V.(orgs.) (1999): *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 3 vols. Madrid: Editoria Espasa Calpe.
- Cadiot, A. et al. (1985): *Enfin*, marqueur métalinguistique. In: *Journal of Pragmatics* 9, 199-239.
- Faria, I.H. (2012): *Ser linguista*. In: Costa, A. / Duarte, I. (coord.), *Nada na linuagem lbe é estranho. Homenagem a Isabel Hub Faria*. Lisboa: Afrontamento, 15-28.
- Fischer, Kerstin (ed) (2006): *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier.
- Fonseca, J. (1994): *O lugar da Pragmática na teoria e análise linguísticas*. In: J. Fonseca, *Pragmática Linguística. Introdução, teoria e descrição do português*. Porto: Porto Editora, 95-104.
- Grice, P. (1975): *Logic and conversation*. In: Cole, Peter / Morgan, Jerry L. (eds.): *Syntax and Semantics. Vol. 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, 41-58.
- Hansen, M.-B.M. (1998): *The function of discourse particles*. Amsterdam: John Benjamins.

¹⁵ Note-se, entretanto, que este traço é fortemente condicionado pelos conteúdos proposicionais dos enunciados que antecedem e seguem o conector.

¹⁶ Este texto retoma alguns tópicos abordados em Lopes, 2013.

- Heine, B. / Kuteva, T. (2006): *The changing languages of Europe*. Oxford: OUP.
- Kamp, H. / Reyle, U. (1993): *From discourse to logic*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Levinson, S. (2000): *Presumptive meanings. The theory of generalized conversational implicature*. Cambridge/Massachusetts: The MIT Press.
- Lopes, A.C.M. (1996): *Então*: elementos para uma análise semântica e pragmática. In: I. Castro (org.), *Actas do XII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri, 177-190.
- Lopes, A.C.M. (1998 a): Contribuição para o estudo dos valores discursivos de *sempre*. In: M. A. Mota / R. Marquilhas (orgs.), *Actas do XIII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: Colibri, 3-14.
- Lopes, A.C.M. (1998 b): Contribuição para o estudo semântico-pragmático de *agora*. In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXII, 363-376.
- Lopes, A.C.M. (1999): Contributos para uma análise dos valores temporais e discursivos de *logo*. In: I.H.Faria (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos e Faculdade de Letras de Lisboa, 433-443.
- Lopes, A.C.M. (2000): *Ainda*. In: E. Gärtner, C. Hundt e A. Schönberg (eds.), *Estudos de gramática portuguesa (III)*. TFM: Frankfurt am Main, 65-88.
- Lopes, A.C.M. (2003): Elementos para uma análise semântica das construções com *já*. In: I. Castro e I. Duarte (orgs.), *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. 1. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 411-428.
- Lopes, A.C.M. (2008): *Enfim*. In: H. T. Valentim e B. Moreira (eds.) *Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies 2*. Lisboa: Colibri/CLUNL, 61-76.
- Lopes, A.C.M. (2012): A polifuncionalidade das expressões *de qualquer modo* e *de outro modo* em PEC. In: A. Costa e I. Duarte (orgs.), *Nada na linguagem lbe é estranho. Estudos de homenagem a Isabel Hub Faria*. Porto: Edições Afrontamento, 79-92.
- Lopes, A.C.M. (2013): *Interfaces*. Textos Escolhidos do XXVIII Encontro Nacional da APL (no prelo).
- Silva, A. S. da (1999): *A semântica de deixar. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: FCG/FCT.
- Sweetser, E. (1990): *From etymology to pragmatics*. Cambridge: CUP.
- Traugott, E. (2003): *Constructions in Grammaticalization*. In: Joseph, B / Janda, R. (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 624-647.
- Traugott, E. / König, E. (1991): *The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited*. In: Traugott / Heine (eds.) *Approaches to grammaticalization*, vol 1, 189-218.
- Traugott, E. / Dasher, R. (2002): *Regularity in semantic change*. Cambridge: CUP.